

Todos podem aprender: construindo caminhos para a inclusão

Isabela de O. Bertone^{1*}, Davi A. D. Bizarri¹, Hilary I. da Silva¹, Joana de J. de Andrade¹, Daniela G. de A. Favacho¹

¹ Centro de Ensino Integrado de Química (CEIQ), Departamento de Química, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo

*E-mail do autor correspondente: isaoliveirabertone@usp.br

Palavras-chave: formação de professores, inclusão, pandemia

Introdução

O projeto “Ensino de Ciências Inclusivo” existe desde 2017, e tem como principal objetivo a inclusão escolar, o projeto faz parte do CEIQ, Centro de Ensino Integrado de Química do Departamento de Química da USP de Ribeirão Preto.

Stoppa e Legore (2016), afirmam que há mais de 3 décadas existem políticas de inclusão nas escolas, porém essa “está longe de efetivamente garantir a educação para as diferenças”^[1]. É necessário que haja um olhar integral para o sujeito, vendo que a deficiência não é apenas um fenômeno biológico é preciso olhar os aspectos sociais^[2]. O Curso “Todos podem aprender: acessibilidade do conhecimento e construção de uma sociedade inclusiva” surgiu de uma parceria com a Diretoria de Ensino de Ribeirão Preto. O curso foi oferecido de forma remota com o objetivo de colaborar para a discussão de práticas inclusivas e superação de desafios perante práticas pedagógicas do dia-a-dia dos participantes. O objetivo deste trabalho é compartilhar e discutir o desenvolvimento do Curso identificando os principais desafios em relação à inclusão elencados pelos participantes.

Materiais e Métodos

O curso teve como público alvo, diferentes profissionais do contexto escolar interessados em ampliar seus conhecimentos sobre inclusão. Profissionais de várias áreas da saúde e educação foram convidados a gravar vídeo aulas, que ficaram disponíveis na plataforma de Cursos e extensão da USP. A construção do curso, se deu de forma coletiva, entre os bolsistas do projeto, orientadoras e membros da Diretoria de ensino de Ribeirão Preto, foram realizadas reuniões via google meet para definição de funções e acertamento de detalhes.

Aplicamos um questionário inicial para os participantes, a fim de conhecê-los, bem como seus objetivos, o curso aconteceu em três momentos, o primeiro abordando aspectos gerais sobre inclusão, história da deficiência e o pensamento humano. No segundo, tratamos da inclusão no contexto escolar, com os temas de neurociências e educação, inclusão na sala de aula regular, a terapia ocupacional e a abordagem do TDAH e TEA. No último momento, foram trazidas reflexões sobre as especificidades do indivíduo em sua necessidade, apresentando vídeo aulas sobre tecnologia assistiva, avaliação psicológica, funções executivas e o atendimento educacional para deficientes auditivos. Cada um dos momentos foi finalizado com um encontro síncrono via google meet, a fim de mediar estudos de casos e discussão das vídeo aulas. A metodologia de pesquisa adotada foi qualitativa^[3]. Os encontros síncronos foram gravados e posteriormente analisados.

Resultados e Discussão

Participaram do Curso 80 pessoas e a partir do questionário inicial, foi possível coletar que a maioria (52,3%) dos inscritos eram professores (tanto de sala de aula regular, quanto de sala de recursos), seguido de pedagogos (27,3%) e estudantes (9,1%). Dentre os participantes vinculados a escolas, tivemos que, 37,1% eram de escolas municipais, 34,3% de escolas públicas estaduais e 22,9% de escolas particulares. Seguindo no mesmo questionário, foi pedido aos participantes relatassem sobre casos específicos que esperavam que fosse discutido no curso. Destes casos, 57,6% envolviam situações com alunos do sexo masculino e 21,2% do sexo feminino, estando a maior parte, matriculada nas séries iniciais do ensino fundamental e a maioria com TEA, deficiência intelectual ou sem laudo.

Por meio dos diálogos elencamos as principais dúvidas dos participantes e a seguir citamos algumas:

- como conciliar as necessidades formativas pensando em bem estar e autonomia do sujeito com objetivos educacionais vinculados a uma área de conhecimento;
- adaptação curricular: o que é? Quando fazer? Isso é inclusão?
- como proporcionar o acesso ao conhecimento quando o aluno não está alfabetizado?

Durante os encontros síncronos, foram discutidos alguns casos, tendo destaque, no segundo encontro, envolvendo um estudante não alfabetizado, caso recorrente entre os participantes e, no último encontro, um aluno com deficiência intelectual. Melero (2013) acredita que devemos investir em metodologias de ensino inclusivas e formação contínua do professor para que todos tenham acesso ao conhecimento^[4].

Conclusões

O diálogo coletivo proporcionado pelo curso teve um impacto muito positivo dentro e fora da comunidade universitária. A partir dos encontros síncronos e relatos recebidos com os participantes, foi possível a interação e compartilhamento de experiências. De certa forma, conseguimos contribuir para avançar na disponibilização de conhecimento e fortalecimento do modelo social de deficiência.

Referências

- ¹ SANTOS, L.S. dos; LEGORE, A.C. A. Inclusão e emancipação subjetiva, social e cultural de pessoas com deficiência: reflexões à luz das contribuições de Paulo Freire. Cadernos CIMEAC - v. 6. n. 1, Uberaba - MG, Brasil, 2016.
- ² MELERO, M. L. Aprendendo a conhecer a las personas con síndrome de Down. Malaga: Ediciones Aljibe, 1999.
- ³ BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. Investigação qualitativa em educação. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.
- ⁴ MELERO, M. L. Discriminados pelo currículo por sua desvantagem: estratégias do currículo para uma inclusão justa e factível. In: SACRISTÁN, J. G. (Org.). Saberes e incertezas sobre o currículo. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 385-402.